

# GÊNERO E APRENDIZAGENS NÃO ESCOLARES NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: UMA PEQUENA ETNOGRAFIA

## GENDER AND NON-SCHOOL LEARNING IN UNIVERSITY EXTENSION: A SMALL ETHNOGRAPHY

Natália de Melo Oliveira <sup>1</sup>  
Mylene Mizrahi <sup>2</sup>

**Resumo:** Com as Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos no Ensino Superior (DNEDH) percebe-se a importância da extensão como fomento de práticas de uma educação para os Direitos Humanos. O presente texto é fruto de atividades oferecidas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). A partir de uma pequena etnografia com Duda Dance, uma professora de funk na Rocinha, objetiva-se nesse artigo refletir de que maneira a extensão universitária valoriza as aprendizagens não escolares. Para isso, buscou-se relatar uma experiência de extensão à luz das DNEDH e sublinhar a mesma como instrumento para a valoração de aprendizagens que se desenham em outros espaços sociais. Conclui-se que a presente vivência deu condições de elaborações teóricas em relação às categorias de educação e gênero, onde para as primeiras pensou-se sobre socialidade, ofício e aprendizagem situada, e para as segundas elaborou-se sobre “união feminina” e as ambiguidades de gênero.

**Palavras-chave:** Aprendizagem Situada. Relações. Gênero. Feminismo. Etnografia.

**Abstract:** With the National Guidelines for Education in Human Rights in Higher Education (DNEDH) the importance of extension as a promotion of education practices for minorities and human rights is perceived. The present text is the result of activities offered by the Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro (PUC-Rio). From a small ethnography with Duda Dance, a funk teacher in Rocinha, the purpose is to reflect how the university extension values the non-school learning. For that, we tried report an extension experience based on the DNEDH and underline it as a valuation tool of learning that are designed in other social spaces. It was concluded that a present experience gave conditions for theoretical elaborations in relation to the categories of education and gender, where for the first ones we thought about sociability, craft and situated learning, and for the latter it was elaborated on “female union” and the ambiguities of gender.

**Keywords:** Situated Learning. Relations. Gender. Feminism. Ethnography.

---

**1** Doutoranda em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO). Mestra em Direitos Humanos pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8551097247693596>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6610-4799>. E-mail: oliveiramelonatalia@hotmail.com

**2** Doutora em Antropologia Cultural pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutorado em Antropologia pela University College London (UCL). Mestra em Sociologia e Antropologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4050651102536855>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0661-2273>. E-mail: mylenemizrahi@puc-rio.br

## Introdução

A extensão universitária faz parte do tripé do Ensino Superior – ensino, pesquisa e extensão – onde há possibilidade de aproximação com outros saberes. Há de se viver uma Instituição de Ensino Superior (IES) que encontre em outros espaços sociais um *locus* de produção de conhecimentos.

Oferecer aos estudantes possibilidades de atividades para além da instituição é uma responsabilidade social que as IES assumem para a promoção de uma sociedade dos Direitos Humanos (TOSI; ZENAIDE, 2014). As Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos no Ensino Superior (DNEDH), promulgada em 2012 no Brasil, vê na extensão universitária uma das transversalidades para a promulgação da Educação em Direitos Humanos (EDH). No relatório da DNEDH, mais especificamente no Art. 12º há que “[...] as Instituições de Ensino Superior estimularão ações de extensão voltadas para a promoção de direitos humanos, em diálogo com os segmentos sociais [...]” (BRASIL, 2012, p. 22).

A EDH, nessas atividades que as IES devem promover, pode assumir diferentes formas. É nesse sentido que trago o presente artigo resultante de uma extensão universitária da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Através do Instituto de Estudos Avançados em Humanidades (IEAHu) – que apoia e desenvolve práticas de fomento à pesquisa e atividade acadêmicas na área de humanidades –, a PUC-Rio lançou em 2022 o Edital IEAHu para apoio à extensão universitária em contextos de vulnerabilidades.

Dentre os projetos, o intitulado “O mapa do funk carioca na Rocinha” foi contemplado no referido Edital. O projeto tem relação com o grupo de pesquisa EstetiPop – Laboratório de Pesquisa Antropológica em Estéticas, Aprendizagens e Cultura Pop/Popular – também vinculado à PUC-Rio.

A referida experiência me instigou à produção de uma pequena etnografia que dialoga com as aprendizagens não escolares percebidas nesse enredo – e que têm relação com o meu objeto de pesquisa de Doutorado: a educação e o gênero com o funk carioca.

As aprendizagens, em nossos estudos, assumem as perspectivas de Lave (2015). Trata-se de um movimento no campo da educação de perceber método, organização e aprendizagem em espaços de formação para além daqueles institucionalizados. Outros autores/os são mobilizados para as reflexões aqui presentes, como Tsing (2015, 2019) e Toren (2021) para pensar as relações de socialidade; Butler (2019) para ser o pontapé inicial dos estudos sobre gênero; e Mizrahi (2018, 2019, 2020) para pensar uma etnografia com as pessoas nos seus próprios termos.

Para esse artigo direciono a discussão em torno dos diferentes espaços sociais de educação que não as IES e/ou as escolas. De que maneira a extensão universitária valora as aprendizagens não escolares?

Em agosto de 2022, através do projeto em questão, encontrei Duda Dance<sup>1</sup>, professora e dançarina de funk no Rio de Janeiro, mais especificamente na Rocinha. As redes de aprendizagens que circulam com Duda Dance me chamaram a atenção, me levando a alguns encontros com a mesma e despertando minha curiosidade sobre as questões de gênero que se desenham nos processos de aprendizagem no quais ela está presente.

Esse artigo é a minha primeira tentativa de esboçar de maneira textual o que busco experimentar no Doutorado sobre educação e gênero, pelos termos que as próprias pessoas produzem. “Entendendo que a etnografia não pode ser pensada ou apreendida a não ser na relação com as elaborações teóricas que a forjam e que produz” (MIZRAHI, 2018, p. 34).

Assim, nesse artigo, relata-se uma pequena experiência à luz das Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos no Ensino Superior, e sublinha-se a mesma como instrumento para a valoração de aprendizagens que acontecem em outros espaços.

## Metodologia

A etnografia tem sido a possibilidade (não só) metodológica que tem feito sentido para a

<sup>1</sup> Para esse artigo Duda autorizou a divulgação do seu nome e solicitou que usássemos seu nome artístico: Duda Dance

minha experiência de doutoramento. É uma metodologia que me abre os olhos quanto ao que está sendo elaborado pelas pessoas, objetos etc. Tenho aprendido a pensar a etnografia como o exercício de se despir do ego acadêmico, onde Mizrahi (2020, p. 1046) comenta sobre etnografia a partir das formulações de Daniel Miller (2005): “a etnografia que garante que sejamos humildes não somente na relação com os objetos materiais, mas em nossas elaborações teórico-conceituais, prevenindo-nos no campo das vaidades e da armadilha fácil de pensar que estamos ‘reinventando a roda’”. Como as pessoas têm produzido sobre os termos que nos interessa é o que mais me atrai para uma pesquisa etnográfica.

Junto com Duda Dance tenho vivenciado outras abordagens sobre gênero, funk e educação. Para esse artigo, abordo os encontros com a professora de funk que se deram entre agosto e outubro de 2022 – tempo de atividade em campo do projeto de extensão universitária “O mapa do funk carioca na Rocinha”. As visitas aconteceram em algumas quartas-feiras à noite na Rocinha, onde a professora dá aulas de funk gratuita para mulheres moradoras da comunidade, e especialmente numa tarde, em que nos encontramos no Complexo do Esporte na Rocinha<sup>2</sup>.

Trago para a discussão parte das minhas conversas com Duda Dance para aqui elaborar sobre a importância da extensão universitária na valoração dessas aprendizagens que são elaboradas em outros espaços de convivência.

## **Da extensão universitária até uma professora de funk: o que tem pelo caminho**

Cheguei na Rocinha no final da tarde para encontrar Duda Dance. Passei por uma espécie de feira local com muita diversidade de roupa, tecnologia, bijuterias e sobretudo de pessoas, ao ponto de eu não saber se se tratava de um corredor comercial ou de um ponto de encontro entre os moradores – ou ambos. No final desse espaço, encontrei uma loja de acessórios um tanto charmosa, e como Duda Dance avisou que iria atrasar uns trinta minutos e Anavi e Ana Laura (as duas integrantes do projeto de extensão) estavam a caminho, resolvi parar para pedir informação e para, quem sabe, comprar algo.

Perguntei à moça que estava no local, que agora eu via mais como quiosque do que loja, onde ficava o Complexo do Esporte. Ela me disse, enquanto mostrava com sua mão estendida, que ficava “*depois daquele viaduto*”. Logo me situei pois não era a primeira vez que tinha ido à Rocinha, próximo de onde conversava com essa moça, havia uma lanchonete de esquina onde em outro momento me encontrei com Mc Junior, Mc Leonardo<sup>3</sup>. Revi também a rua principal da rocinha que dá direito na “Curva do S” onde em determinado momento visitei a Roda Cultural da Rocinha – um coletivo de jovens rappers que fazem competições de rima todos os domingos.

Dos lugares que tenho andado no Rio de Janeiro, a Rocinha tem sido aquele lugar que sempre me enche os olhos, à medida que tenho ido ao local, devido às atividades da PUC-Rio, e reconhecendo os espaços, vou me sentindo mais à vontade. Chego no Complexo e já era final da tarde, o céu parecia se transformar numa tela em degradê laranja para formar uma imagem de cartão-postal por trás das casas, que junto com o som de vida do local – carro, moto, ônibus, música, funk, vozes – não me deixam dúvidas que estou na Rocinha.

Encontro as meninas (Anavi e Ana Laura) e logo em seguida chega Duda Dance e seu namorado. Ela sugere que a gente se sente mais à direita do campo de futebol, onde tem um conjunto de mesas e cadeiras em cimento, uma espécie de local para se sentar e se encontrar com outros – mais um que me chama a atenção, depois do corredor comercial dito anteriormente.

A gente já conhecia a professora e vice-versa, pois estávamos frequentando as aulas de funk que ela dá na comunidade, fruto do seu projeto “do 0 ao funk”. Na ocasião do presente encontro a ideia era conversarmos sobre o nosso projeto de extensão, sobre o funk e sobre os processos educativos que nos envolviam, nós como alunas de uma instituição e Duda Dance como uma jovem professora de funk.

<sup>2</sup> Disponível em: [http://www.suderj.rj.gov.br/complexo\\_Rocinha.asp](http://www.suderj.rj.gov.br/complexo_Rocinha.asp).

<sup>3</sup> Dois irmãos MC's que juntos formam uma dupla de funk que nos anos 90 lançaram o clássico do funk: “Rap das armas” (1995) trilha sonora do filme “Tropa de Elite – Missão dada é missão cumprida” (2007).

Aqui já pontuo como a extensão universitária é relevante para aproximação entre a universidade e o local geográfico em que está inserida. Um pouco de contexto: por não ser “cria” do Rio de Janeiro, ser uma estudante recém-chegada na cidade com intenções de pensar sobre gênero e educação em um novo espaço, aprendo a estar no Rio com as pessoas que tenho convivido no referido projeto. Com Duda Dance aprendo sobre funk, sobre Rocinha, sobre ser mulher nessa cidade – elementos que não há no currículo programático do Doutorado, e nem deve estar, pois existem coisas que cabem à extensão, e não ao ensino, como diz a DNEDH (BRASIL, 2012).

A dançarina fala com muita simpatia sobre sua relação com o funk enquanto trabalho de professora. Menciona que sempre teve muita relação com o esporte, mas que nunca imaginava como profissão junto ao funk: *“Eu nunca imaginei que ia trabalhar com isso [funk]...sempre fui do esporte, desde nova, capoeira...natação [...] eu via meu futuro na capoeira.”* Enquanto a conversa se desenrolava, o Complexo continuava em movimento, crianças indo fazer suas atividades, familiares andando pelos espaços, e pessoas a quem Duda Dance conhecia passavam e nos cumprimentavam.

Para Duda Dance, a capoeira é uma arte que tem relação com a dança. Por isso que em dado momento ela foi convidada a dançar (samba) e a partir desse movimento se sentiu bem em dar aulas de funk. Em um desses locais, conta: *“Observei as gringas dançando e pensei... gente isso é muito ruim...e aí pensei que eu podia ajudar... [...] e aí fui fazendo experimento... comecei em 2019, tinha 18 anos...”* Esse experimento de ensinar a dançar funk é o que me chama a atenção. Vejo pelo relato dela que a experiência docente dela tem se feito no cotidiano, no fazer. Quando ela menciona sua idade na época, eu lhe pergunto se ela estava na escola e ela coloca enfaticamente: *“Nessa época [18 anos] eu tava terminando a escola [...] eu sempre fui muito esperta assim... não sou gênio, não gosto de estudar, mas sempre fui muito esperta nas minhas paradas...”*

Para ela, o funk surgiu como possibilidade do que chama “ganhar a vida” e junto veio o trabalho de ser professora. Percebi seu engajamento nessa atividade/função: *“eu fui aprendendo a ensinar sozinha [...] e aí eu dei minha primeira aula e pensei: nossa... difícil! Eu vou ter que estudar para mim conseguir fazer isso [...] eu via como meus professores me dava aula e comecei a reproduzir isso dentro das minhas aulas.”* Se tenho pensado e elaborado sobre aprendizagem, a fala de Duda Dance me chamou a atenção para o tornar-se professora por espaços também não escolares.

Por mais que Duda Dance demonstre esse comprometimento com essa possibilidade de arte/trabalho, houve o obstáculo familiar de onde ela menos esperava: a sua mãe. Por mais que a mãe a levasse para as rodas de samba e bailes funk quando criança, enxergar o funk como profissão foi o que Duda Dance chama de “baque”. A jovem professora conta que a mãe: *“[...] foi vendo aquilo e foi tendo um leve surto, sabe? Pensando ‘o que é isso?’”* Na visão dela essa contradição da mãe – e a implicância da família – tem relação direta com o preconceito em relação ao gênero e ao funk, de não enxergar ambos como futuro, ao contrário, por exemplo, de uma graduação no Ensino Superior. *“Minha tias ficaram sabendo e vieram para cima de mim: ‘isso é errado...você rebolar a bunda na internet’... minha mãe só aceitou quando ela viu o dinheiro entrando.”*

Nesse problema de relacionamento familiar, Duda Dance continua encontrando no funk um local para exercer seu poder artístico, alegando que é um momento que a faz se sentir bem. É nesse contexto de bem-estar que ela articula o projeto que desenvolve na Rocinha: *“eu queria que fosse uma coisa só de mulheres, queria que fosse uma união feminina, sabe? Eu sempre tive rodeada de mulheres, minha família é um poder feminino, sabe?”* O funk pelo qual sua família a colocou num lugar de reprovação é o mesmo ritmo que Duda Dance encontra instrumentos para exercer o seu feminismo. As teorias que tenho lido sobre o feminismo encontram sentido nessa fala/experiência de Duda Dance.

Há na professora de funk essa vontade de pensar coletivamente no bem-estar das mulheres. O seu projeto – que ainda está procurando os caminhos burocráticos para a formalização – tem desenvolvido atividades de fortalecimento da educação em Direitos Humanos, segundo o DNEDH. *“Nas atividades de extensão, a inclusão dos Direitos Humanos no Plano Nacional de Extensão Universitária enfatiza o compromisso das universidades com a promoção e a defesa dos Direitos Humanos”* (BRASIL, 2012, p. 16). Nesse momento da conversa tive a estranha sensação de encontro entre teoria e prática, digo estranha porque em algum momento os discursos teóricos têm se desencontrado das práticas, mesmo essas últimas sendo as fomentadoras das primeiras.

Por mais que quiséssemos continuar com a conversa, Duda Dance precisava ir embora,

seu namorado já se direcionava em nossa direção em uma espécie de sinal de encerramento. Nos despedimos daquele encontro, e eu sinalizei meu interesse de continuar a encontrando, dessa vez em um outro local em que ela ensinava funk, como o MAM<sup>4</sup>.

Trazer esses recortes pontuais da conversa, no que metodologicamente nominamos de entrevista, me abriu perspectivas de pesquisa e me deixou ainda mais instigada a acompanhá-la nessas redes de relações junto ao funk e gênero. Para esse artigo, por meio dessa conversa, algumas problematizações podem ser feitas, é o que farei no tópico a seguir.

## **(Re)pensando aprendizagens não escolares e gênero com a extensão universitária**

A referida experiência me instigou a problematizar categorias de discussão que permeiam minha formação. A partir da conversa com Duda Dance quero pontuar alguns elementos: a Rocinha como assembleia de aprendizagens; a formação docente em espaços não escolares; o que Duda Dance chama de “união feminina”; e a ambiguidade de gênero em relação ao funk.

Acredito na ideia de “igual para igual”, entre a comunidade e a academia, na experiência de extensão. Esses dois agentes juntos são capazes de potencializar os Direitos Humanos e a “[...] construção de uma sociedade promotora dos direitos civis, políticos, econômicos, culturais e sociais.” (TOSI; ZENAIDE, 2014, p. 170). Tanto a IES avança e cresce em elaborações teóricas/conceituais com as experiências práticas com as comunidades, como essas também ganham visibilidades outras adentrando no espaço acadêmico. É assim que enxergo a relação entre o projeto que participei e a Rocinha concatenando com o que diz a DNEDH (BRASIL, 2012).

Com as minhas idas à campo começo a enxergar esse espaço como uma assembleia de aprendizagens. Elaboro isso não apenas com a figura de Duda Dance, mas com os jovens da Roda Cultural, com os irmãos Mc Junior e Mc Leonardo e com os tantos outros artistas que encontrei no projeto de extensão que dá existência ao presente texto.

Com Tsing (2019) compreendo a socialidade que em vez de grupos, em vez de sociedade como totalidade, pensa com as realidades prescritivas por uma ideia de realidades performativas. Olhando os que esses artistas têm feito na Rocinha, esse espaço, para mim, é um conjunto de grupos sociais que é menos o que são e mais o que fazem – por isso aqui chamo de assembleia de aprendizagens, especificamente em relação ao funk, mas não só.

Essa socialidade que vejo na Rocinha carrega um caráter social na sua dimensão performática. Essas pessoas que encontro estão inventando aprendizagens com o funk, ora ensinando, ora aprendendo, ora produzindo o ritmo, ora agindo politicamente. E para acompanhar esses arranjos é importante ter atenção às relações, pois todos esses jovens agentes não são autocontidos, pelo contrário, se colocam na chave das suas relações, assim, é preciso uma atenção ao local – Rocinha – onde essas relações estão acontecendo (TSING, 2019).

A socialidade que encontrei na comunidade através do projeto de extensão é como um fio que costura, que coloca junto essas pessoas, mesmo que estas não se conheçam de fato. Trata-se de uma socialidade por meio de um conjunto de relações intersubjetivas (TOREN, 2021). Por intersubjetividade entendemos os processos de formação de si na relação com os outros. “A síntese teórica que estou propondo aqui pode ser contida na seguinte formulação: mente é uma função da pessoa em sua totalidade constituída ao longo do tempo através de relações intersubjetivas com os outros no mundo ambiental” (TOREN, 2021, p. 195). As pessoas que estão junto ao funk produzindo a Rocinha como essa assembleia de aprendizagens são feitas justamente desses encontros (e desencontros) que o ritmo fomenta.

Em relação à Duda Dance, percebo uma formação docente que não acontece nos espaços de educação institucionalizados, mas no mundo social. Se em Lave (2015, p. 35) penso sobre aprendizagens, estas envolvem uma formação que não é desvinculada das questões sociais, mas, “[...] a aprendizagem é parte integrante da geração prática social no mundo vivido.” Inclusive a necessidade de Duda Dance aprender a ser professora é oriunda da sua conjuntura, envolvendo

4 O Museu de Arte Moderna fica localizado no Flamengo, bairro do Rio de Janeiro.

questões financeiras, prazer em dançar, habilidades técnicas vindas do esporte e etc.

Nesses contextos não escolares há aprendizagem, tanto no aspecto formal como informal. Na conversa com Duda Dance vejo que a formação do seu ofício enquanto professora de funk não acontece apenas em um *lócus*, e nem em um dado momento, mas envolve histórias. A aprendizagem do ofício da professora, em relação ao funk, começa em sua história de prática esportiva, a capoeira, que para ela é uma arte.

Assim, a cultura produz aprendizagem, mas aprender também produz cultura. Aprender na prática envolve aprender a fazer o que você já sabe e fazer o que você não sabe, iterativamente, ambos ao mesmo tempo. Tais relações, múltiplas e contraditórias, são todas, juntas e ao mesmo tempo, 'a relação' em questão – chamem isso de 'aprender na/como prática' (LAVE, 2015, p. 41).

A jovem dançarina aprende a ser professora de funk com a sua história de vida anterior, mas também enquanto exerce o próprio ofício. As aprendizagens para a formação do ofício da professora se desenham sobretudo nas relações, pensando assim em seres relacionais. A formação de Duda Dance enquanto professora de funk não é pensada em si mesmo, mas na relação. As coisas existem na relação (TOREN, 2021).

Acredito que uma etnografia é mais que um ponto de vista, trata-se de situações em que o pesquisador/a, a partir do seu lugar, elabora sobre categorias com o seu campo. “O objetivo da etnografia é aprender a pensar sobre uma situação junto com seus informantes; categorias de pesquisa se desenvolvem com a pesquisa, não antes dela” (TSING, 2015, p. 9, tradução nossa). Nessa pequena etnografia, eu, enquanto pedagoga formada num ambiente institucionalizado vejo na formação de Duda Dance, também professora, uma outra formação possível, e que só é possível diante do cenário de aprendizagem não escolar. Não se trata de pensar uma formação em lugar da outra, mas através da extensão universitária, pensar em outras formações docentes, no plural.

Se na formação institucional da graduação em pedagogia há a limitação da aprendizagem de um ofício, a extensão universitária é o tripé da formação no Ensino Superior que pode fomentar esse trabalho nos espaços de aprendizagem não escolares. É a “[...] possibilidade de pensar a educação para além da escola e da educação formal” (MIZRAHI, 2021, p. 166). E aqui pontuo ser esse um dos principais desafios das instituições formais de educação: valorar esses outros espaços.

O interessante da autopercepção de Duda Dance sobre estudo é que, quando para ela estudar significa aprender por meio de um ambiente institucionalizado, a mesma coloca que “*não gosta de estudar...não é um gênio*”. Mas quando o aprender tem relação com seu ofício de professora de funk... “[...] *fui estudando sozinha, pesquisando na internet, vendo vídeo no Youtube, lendo sobre a história do funk...*”. Essa fala me faz pensar na ideia de aprendizagem situada de Lave (1988), em que situada não é o mesmo de localizada, mas situada no sentido de prática.

A professora de funk entende que não gosta de estudar quando essa aprendizagem está relacionada a “*não prática*” do ambiente institucionalizado. Mas, quando esse estudar tem relação com seu trabalho de ensinar funk, ou seja, a prática, o ofício: “*as intenções de aprender de uma pessoa são comprometidas e o significado da aprendizagem é configurado através do processo de ser sendo um participante pleno de uma prática sociocultural*” (LAVE; WENGER, 1991, p. 29).

À mesma maneira que vejo a aprendizagem situada de Duda Dance em relação à sua formação enquanto professora de funk, também percebo um feminismo situado em relação à criação do seu projeto social do “*O ao funk*”. A professora em vários momentos da nossa conversa fala a expressão “*união feminina*” que, segundo ela, vem da sua relação familiar, constituída sobretudo de “*mulheres fortes*”. Esse feminismo situado de Duda Dance no seu projeto de funk é construído na prática de ensinar a dança, por meio de relações.

Eu enxergo que as pesquisas de Mizrahi no funk carioca (2018, 2019, 2020) apontam para um feminismo situado por meio das relações entres mulheres – que não quer dizer que não tenha contradições/conflitos. Seja através das construções em torno do cabelo (MIZRAHI, 2019), seja através dos objetos com os homens (MIZRAHI, 2018), o feminismo no funk carioca se desenha entre as mulheres, pelas próprias.

O feminino, que acompanhei ser produzido por meio da beleza, se fazia independente do mundo masculino e não com vistas à sedução. [...] A relacionalidade da mulher é definida não pela relação com a sua contraparte masculina, e sim na relação com sua contraparte feminina branca, algo que emerge mais claramente na intimidade do montar e desmontar de cabelos (MIZRAHI, 2019, p. 466-467).

Compreendo que as relações entre mulheres na pesquisa citada acima envolvem conflitos em relação à raça, que não é o foco que aqui abordo. Meu interesse é num feminismo vivido entre as mulheres, que a novidade com Duda Dance é essa “união feminina”. E por feminismo eu tenho pensado em ações políticas, mas não politizadas, que valoram as subjetividades das mulheres, me baseando na discussão de política feminista de Butler (2019). Por isso enxergo um feminismo situado nas pesquisas de Mizrahi, pois com cabelos, objetos e figurinos funk as mulheres têm agido politicamente.

Com Duda Dance abordo essa “união feminina” a partir da intenção que a mesma tem de que outras mulheres sintam o mesmo bem-estar que ela sente ao dançar o funk. É nesse sentido que aposto na relevância das relações no projeto de funk da professora, como essas alunas de funk são atravessadas por essas relações que são construídas nas aulas, e como essas relações são construídas com as histórias de cada mulher, ou seja, “[...] pessoas e relações permanecem em proporção uma a outra, sempre mantendo sua escala.” (STRATHERN, 2020, p. 375). Pretendo continuar na investigação de doutorado em perceber as aprendizagens de gêneros que estão sendo arranjadas por essas mulheres nas relações das aulas de funk.

Com a experiência de Duda Dance em se tornar professora de funk, percebo que o ritmo não só ampliou suas capacidades, mas também lhe traz capacidades outras (STRATHERN, 2004), tanto em relação às aprendizagens de um trabalho, como em relação às questões de gênero. Percebo na fala da professora a vontade de fomentar essas capacidades outras nas suas alunas de funk da Rocinha. O que a professora nomeia “bem-estar”? De que maneira esse “bem-estar” é a base do feminismo situado dela nessa ideia de “união feminina”?

Acerca desse elemento que emerge na fala de Duda Dance, o “bem-estar” coloco aqui o meu aprendiz de etnógrafa, e para isso me identifico com a fala de Strathern (2004, p. 2, tradução nossa):

O tema do bem-estar não é algo que eu normalmente abordaria. Mas um truque do ofício antropológico, estando aberto ao imprevisível, é que estamos sempre reunindo ‘mais’ informações do que pensamos querer. Deve haver o suficiente na mochila para fazer uma contribuição.

A experiência do projeto em questão me desafiou a pensar o gênero por elementos que eu não pensaria hipoteticamente, a exemplo do “bem-estar”. Por isso aposto na etnografia como disponibilidade metodológica para experienciar o campo com os seus próprios termos.

Para o presente texto, continuo a pontuar o quão a experiência da extensão universitária me ajudou a pensar sobre gênero e educação com as falas de Duda Dance. Isso inclui a ambiguidade de gênero que aparece na fala da professora. O que acontece para sua mãe achar plausível levá-la quando criança para os bailes funk mas virar a chave e ser “um baque” sua filha ser uma professora do ritmo? Com a etnografia não tenho intenção de encontrar uma resposta para esse questionamento, pelo contrário, esse elemento me abre possibilidades investigativas para aprofundar essa ambiguidade de gênero com as próprias redes de relações que Duda Dance compõe.

Por ambiguidade eu me respaldo na ideia que Mizrahi (2019, p. 462) desenvolve em seu texto em relação à raça, com os “[...] cabelos ambíguos, aos quais desse modo nomeio em alusão à fluidez buscada pela pessoa feminina funk, elidem sua condição de feito e fazem, da ambiguidade racial, agência.” Me interessa perceber a ambiguidade de gênero nos próprios termos da experiência de Duda Dance em relação ao gênero e ao funk, e essa inquietação só se fez plausível devido à experiência de extensão universitária, aliás, o meu encontro com a professora de funk Duda Dance

– que se intenciona caminhar nos próximos anos – emerge devido ao projeto de extensão da PUC-Rio.

## Considerações Finais

Esse artigo é fruto de uma vivência que buscou trazer a discussão sobre a extensão para a valoração dos processos de aprender que são vividos em outros espaços que não os institucionais, à luz do DNEDH. Por meio do projeto “O mapa do funk carioca na Rocinha” vinculado ao Edital do IEAHu da PUC-Rio, elaborei com Duda Dance, a professora de funk, categorias analíticas, como por exemplo gênero.

A primeira discussão aqui apresentada foi sobre a Rocinha como uma assembleia de aprendizagens. Com as visitas ao campo começo a perceber a Rocinha como um espaço de socialidades, que com um conjunto de relações intersubjetivas têm produzido o funk carioca.

Em segundo lugar, através da conversa com a dançarina, comecei a pensar sobre a formação docente em espaços não escolares. Junto com a ideia de aprendizagens não escolares, pensei no presente texto sobre a formação de um trabalho com a aprendizagem situada, onde estudar para Duda Dance tomava sentidos diferentes a depender do contexto, e como essas dimensões agregam à formação docente institucionalizada mediante a extensão universitária.

Em relação às questões de gênero, Duda Dance coloca a “união feminina” e essa expressão em muito me instiga. Ainda reverberando as ideias de aprendizagem situada, comecei a elaborar nesse texto o ensaio de feminismo situado, que ainda tem caráter embrionário e que carece de aprofundamento epistemológico. De toda forma, o caráter relacional que envolve a perspectiva de gênero da professora, tanto em relação ao conflito com sua mãe como em estruturar o projeto “do O ao funk”, me instiga a pensar sobre as ambiguidades que envolvem o gênero no/do funk.

Duda Dance me desafia a pensar a categoria gênero, demonstrando, inclusive, as ambiguidades presentes na sua experiência. Com essa professora de funk me deparo com a perspectiva de que as questões de gênero não estão dadas, pelo contrário, o gênero se refaz nos termos das próprias pessoas. E a etnografia é esse anti-método que me dá condições do campo se forjar pelos próprios termos, que me ajude a não essencializar a categoria analítica que é o gênero.

No mais, reitero como palavras finais, a importância da extensão universitária na formação de qualquer estudante/pesquisador. Cabe-nos, enquanto academia, continuar fomentando esse tripé do Ensino Superior, e espero que esse artigo seja um encaminhador dessa valoração das aprendizagens não escolares por meio da extensão universitária.

## Referências

BRASIL. **Resolução nº 1, de 30 de maio de 2012.** Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos. Brasília: DF, 2012.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam.** São Paulo: Crocodilo edições, 2019.

LAVE, J. **Cognition in practice.** Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

LAVE, J. ; WENGER, E. **Situated Learning: Legitimate Peripheral Participation.** New York: Cambridge University Press, 1991.

LAVE, Jean. Aprendizagem como/na prática. **Horizontes Antropológicos**, v. 21, p. 37-47, 2015.

MILLER, Daniel (org.). **Materiality.** London: Duke University Press, 2005.

MIZRAHI, Mylene. A educação como relação: estética, materialidade, subjetivação—contribuições desde a antropologia. *In:* Ralph Ings Bannell; Mylene Mizrahi; Giselle Ferreira (orgs.). **Deseducando**



a **educação**: mentes, materialidades e metáforas. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2021.

MIZRAHI, Mylene. O que a “humildade dos objetos” pode nos dizer sobre a beleza no Rio de Janeiro. **Sociologia e Antropologia**, v.10, n. 3, p. 1045-1056, 2020.

MIZRAHI, Mylene. O Rio de Janeiro é uma terra de homens vaidosos: mulheres, masculinidade e dinheiro junto ao funk carioca. **Cadernos pagu**, v.52, e185215, 2018.

MIZRAHI, Mylene. As políticas dos cabelos negros, entre mulheres: estética, relacionalidade e dissidência no Rio de Janeiro. **Mana**, v. 25, p. 457-488, 2019.

STRATHERN, Marilyn. O eu na auto-ornamentação. **Maloca**, Revista de Estudos Indígenas, v.3, p. 1-17, e020021, 2020.

STRATHERN. The Whole Person and Its Artifacts. **Annual Review of Anthropology**, v. 3, p.1-19, 2004.

TOREN, Christina. Mente, materialidade e história: como nos tornamos quem nós somos. *In*: Ralph Ings Bannell; Mylene Mizrahi; Giselle Ferreira (orgs.). **Deseducando a educação**: mentes, materialidades e metáfora. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2021.

TOSI, Giuseppe; ZENAIDE, Maria de Nazaré T. Os Direitos Humanos na educação superior no Brasil: trajetória, tendências e desafios. STOLZ, Sheila. MARQUES, Carlos Alexandre Michaello (Org.). **Cultura e Educação em foco**. Rio Grande: Editora da FURG, p. 163-232, 2014.

TSING, Anna Lowenhaupt. Socialidade mais do que humana: um chamado para a descrição crítica. *In*: TSING, A. L. **Viver nas ruínas**: paisagens multiespécies no Antropoceno. Brasília: IEAB Mil Folhas, 2019. p.119-140.

TSING, Anna Lowenhaupt. **The mushroom at the end of the world**. Princeton University Press, 2015.

Recebido em 14 de fevereiro de 2023.

Aceito em 14 de março de 2023.